



GERSÃO, Teolinda. Os múltiplos aspectos de Clarice. In: **Revista Épicas**. Ano 5, Número Especial 4, Março 2021, p. 9-13. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4>

OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DE CLARICE THE MULTIPLE ASPECTS OF CLARICE

Teolinda Gersão¹
Universidade Nova de Lisboa

RESUMO: Este artigo refere-se à transcrição da comunicação realizada pela Dra. Teolinda Gersão por ocasião do I Seminário Internacional de Religião, Arte e Literatura, promovido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e a Universidade de Lisboa, em 18 de novembro de 2020. Aqui, Teolinda, que é uma das maiores escritoras portuguesas da atualidade e cuja forma de escrita tem sido por diversos estudos acadêmicos comparada a de Clarice Lispector desvenda o percurso literário de Clarice através de nuances de sua vida. Teolinda demonstra como apesar de muitas das características pessoais de Clarice Lispector serem refletidas em suas personagens, não a conseguem explicar por inteiro em seus múltiplos aspectos.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Literatura brasileira. Literatura século XX.

ABSTRACT: This article refers to the transcript of the communication made by Dr. Teolinda Gersão on the occasion of the 1st International Seminar on Religion, Art and Literature, promoted by the Lusophone University of Humanities and Technologies and the University of Lisbon, on November 18, 2020. Here, Teolinda, who is one of the greatest portuguese writers and whose style of writing has been compared with Clarice Lispector's writing on several academic studies unveils Clarice's literary journey through the nuances of her life. Teolinda demonstrates how although many of Clarice Lispector's personal characteristics are reflected in her characters, they are unable to fully explain her multiple aspects.

Keywords: Clarice Lispector. Brazilian literature. 20th century literature.

¹ Doutorada em Literatura Alemã pela Universidade de Coimbra. Escritora, estudou nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim, foi leitora de português na Universidade Técnica de Berlim e professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa. Autora de diversos livros traduzidos em 20 países. Foi galardoada com o Grande Prêmio de Romance e Novela da APE, o Prêmio do PEN Clube (1981 e 1989), o Grande Prêmio do Conto Camilo Castelo Branco, o Prêmio Fernando Namora (1999 e 2015) e o Prêmio Vergílio Ferreira (2017). Foi escritora residente da Universidade de Berkeley em 2004. Alguns de seus contos e livros têm sido adaptados ao cinema e teatro e encenados em Portugal, Alemanha e Romênia. Em 2018 foi-lhe atribuído o Maquis Lifetime Achievement Award. Site: www.teolindagersao.wordpress.com

Clarice Lispector é uma escritora magnífica e surpreendente, a nível mundial uma das maiores do século XX. Com ela e depois dela a literatura brasileira ganha mais urgência, e a literatura em língua portuguesa transfigura-se e resplandece.

De origem judaica, nasce na Ucrânia com o nome de Chaya Pinkhasovna Lispector, e chega ao Brasil com cerca de uns dois anos - embora ela ficione um pouco e diga que tinha apenas alguns meses e que, na infância, nunca pisou outro solo senão o do Brasil. Ao afirmar-se brasileira, é profundamente sincera. O sentido de pertença é para ela vital, mas fugidio. O texto autobiográfico *Pertencer*, do livro de crónicas *A Descoberta do mundo*, fala desse desejo e da frustração que o acompanha: “Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer (...) Eu, de algum modo, devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém.(...) Embora eu tenha uma alegria: pertenço, por exemplo, a meu país, e como milhões de outras pessoas, sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira (...), feliz de pertencer à literatura brasileira, feliz apenas de “fazer parte”.

No Brasil, para onde emigram os seus pais, Pinkhas e Mania, as duas irmãs mais velhas e Chaya, todos os nomes próprios da família são mudados, (exceto o de Tânia, também usado em português). É então que Chaya passa a Clarice, e o nome Pinkhasovna desaparece. Chaya tem agora outro nome, e outro país.

No entanto, apesar do seu profundo desejo de pertença, Clarice só se naturaliza brasileira aos vinte e três anos, pouco antes do seu casamento, talvez por não querer perder a sua identidade inicial.

Até aos doze anos frequentou no Recife o Colégio Hebreu-ídish-brasileiro, onde, além das matérias usuais, aprendeu as línguas hebraica e ídish (esta última falada pelos judeus asquenazi, e formada no século IX na Europa central, tendo o alto alemão como base vernácula, a que se juntaram elementos hebraicos e aramaicos, e também de línguas eslavas e românicas. O ídish usa na escrita o alfabeto hebraico.

Aos doze anos, Clarice sabia essas duas línguas, mas nunca dá relevo a esse facto, nem revela o seu nome inicial, Chaya. Menciona a sua origem em jeito de pormenor curioso, como se apenas tivesse pré-nascido na Ucrânia, para vir “renascer”, ou realmente “nascer”, em solo brasileiro.

Mas a cultura judaica, com a sua fortíssima componente mística, foi-lhe transmitida desde sempre. A família falava ídish, o seu amado pai ensinava ídish, e era leitor assíduo do jornal *Der Tog*. É possível que a vertente mística e “filosófica” do pensamento de Clarice, o seu modo peculiar de exprimir-se, a sua atenção às palavras e o seu gosto de brincar com elas e reinventá-las, tenha relação com a sua origem judaica. É certo que aprendeu e falou português desde sempre, mas ao mesmo tempo também aprendeu duas outras línguas; o português ganhará maior preponderância quando, aos doze anos, entra no Ginásio Pernambucano do Recife, onde nem o hebraico nem o ídish eram ensinados, e a escolha deveu-se a razões económicas, porque o Ginásio era gratuito, ao contrário da escola hebraica. Mas estes factos, tal como o seu nome inicial, são uma parte de si que Clarice silencia. Além de gostar de ser “secreta”, a coerência linear não se coaduna

com a necessidade de efabular de Clarice. Embora sempre fiel a si própria, ela é uma personagem poliédrica, e por natureza contraditória:

Assim, por exemplo, é uma “diva” admirada, mulher de embaixador, frequentadora da classe alta, elegante, lindíssima, fotogénica, usando inclusive alguma “pose”, habituada a passar à frente de toda a gente nas filas, como se pairasse acima das pessoas comuns – e por outro lado é imensamente frágil, humilde, desamparada, revendo-se nas criaturas pobres, inferiores e sofridas, que são frequentemente as suas personagens.

O seu estatuto interior é, em grande medida, a solidão e a orfandade. De fato ficou órfã de mãe aos nove anos, e a sua relação com ela foi sempre dolorosa: “Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada, com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: Fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim, eu teria pertencido a meu pai e minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de *solidão de não pertencer* porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido”.

O facto de o seu nascimento não ter curado sua mãe da sífilis que a paralisava e incapacitava, retire-lhe de algum modo o direito de existir sem culpa. Nasceu afinal para nada, a sua chegada ao mundo era dispensável.

Se a mãe foi uma presença-ausência, Elisa, a irmã mais velha, e sobretudo Tânia, tornam-se uma espécie de mães, sem o poderem ser. Mais tarde Clarice será uma mãe cheia de amor pelos filhos, mas um deles revela-se esquizofrénico, também ele presente-ausente na vida de Clarice, de novo impotente diante de uma doença sem cura. No entanto esses factos traumáticos, a par de muitos outros que viveu, nunca a poderão “explicar”.

A sua inadequação ao mundo não só não tem uma causa única, como não tem porventura causa exterior. Ninguém é redutível a uma razão ou razões, muito menos alguém tão complexo como Clarice, que desesperava o seu psicanalista. Ela própria se considera indecifrável - não decifrei a esfinge, escreverá, mas ela também não me decifrou.

A sua procura de absoluto, como compensação para uma falta, é uma faceta mística, misteriosa e secreta.

De algum modo Clarice não pertence de facto “a nada nem a ninguém”, e esse sentimento agudiza-se quando vive noutros países, acompanhando o marido diplomata.

Exilada em todos os lugares e em si mesma, culpada de se sentir inadaptada, punida por um misterioso pecado original, que não cometeu mas não se pode ultrapassar – assim foi a vida interior desta mulher admirável, que a certeza do fracasso nunca levou a desistir da luta: Caminhou no deserto sem uma

gota de água, ansiando pelo amor mas fugindo dele, sôfrega de vida mas torpediando-se a si própria, adiando o “agora” e ficando na “véspera”, exigindo o Tudo, e sempre à beira do Nada.

Aos trinta e nove anos regressa, depois do divórcio, ao Brasil bem-amado e escreve os seus melhores livros até à sua morte em 77. Famosa, acarinhada, idolatrada, continua a mesma mulher frágil, solitária, que voluntariamente se isola, e, no entanto, se interessa pelos outros, e está desperta para a injustiça social e a brutalidade do mundo.

A sua escrita é feita de estranhamento e de iluminações. (“Quando não escrevo estou morta, disse numa das últimas entrevistas”). O seu nível mais alto é porventura o místico, o impossível diálogo com o que chama “o Deus”, e não pode ser revelado nem traduzido em palavras, condenando-a à tarefa impossível de dizer o indizível. O seu olhar é de uma criatura que se espanta com a existência – e escreve para tentar (debalde) entendê-la.

É uma escrita abstrata e cerebral, mas por outro lado animal e sensível, que tenta apanhar a “coisa em si”, em estado nascente.

Julgo que qualquer aproximação à sua obra só acontece através da intuição e da empatia. Ou é para o leitor límpida e transparente, ou impossível e hermética. Os livros de Clarice escolhem os leitores: Ou os atraem e enfeitiçam, ou os rejeitam liminarmente. E também o contrário: Ou os leitores se afundam nos livros como se caíssem dentro de si mesmos, ou nunca poderão atravessá-los.

A chave para os abrir não é o intelecto, mas a inteligência emocional. Daí que a maior parte dos leitores, e porventura os melhores, leiam Clarice devagar, não só porque a sua escrita exige uma entrega e quer ser fruída e saboreada, mas também porque não raro se torna deprimente, precisa de pausas e silêncios, de intervalos para digeri-la, como uma droga que abre infinitas portas, mas só não é mortal se for consumida em pequenas doses.

Sem ter medo das palavras, até porque elas não diminuem a autora nem a obra – suponho a escrita de Clarice contém possivelmente um lado psicótico: a iluminação e o deslumbramento são uma dança perigosa sobre um fio ténue, que a qualquer momento pode quebrar-se e descambar na loucura.

Felizmente o fio não se rompe e ela mantém a lucidez, embora uma lucidez sofrida, dilacerada entre a voracidade de se sentir viva e o descompasso com o mundo, procurando, como último reduto, um Deus que se esconde e se cala.

É nessa busca que, na minha perspectiva, ela atinge a máxima grandeza.

O que cito a seguir são palavras dela, descontextuadas, mas que ouvidos sensíveis saberão unir, num tecido sem rugas. Como se a víssemos, como era seu hábito, escrever em pedaços muito pequenos de papel frases soltas que o inconsciente lhe ditava, e depois ela cosia pacientemente, com perícia e determinação de tecedeira:

Só havia faltas e ausências.
Quero que o intolerável continue, porque desejo a eternidade. Só o impossível me importa.
Ela amava o Nada.
A sua permanente queda humana.
O gosto da punição.
Não sabia o que fazer de si própria, senão isto: Tu, ó Deus, que eu amo como quem cai no Nada.
Faz de conta que estava deitada na palma transparente da mão de Deus.
Amar com horror o Deus desconhecido.

Ou frases ditas como se fosse ao acaso, que a sua amiga Olga Boreli foi registando e guardando, para depois formar com elas o *Esboço para um possível retrato*:

Não mato porque não quero perder minha vida. Mas também porque quero me banhar na retida vontade de matar. Retida, sim, e por isso mesmo mais violenta – sou obrigada a ter como só meu o gosto supremo de querer matar e o gosto de viver sob a extrema tensão de arco-e-flecha retesados. E que não disparam. Mas disparam para dentro. E então – êxtase.

Referências bibliográficas

BORELI, Olga. **Clarice Lispector, Esboço para um Possível Retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.